

OS PROVÉRBIOS DE AL-WAHHAB: UMA ANÁLISE DA ALIANÇA HISTÓRICA ENTRE MEMBROS DA FAMÍLIA REAL SAUDITA E SEGUIDORES DO TRINHA ISLÂMICA DE AL-WAHHAB DESDE O ANO DE 1744 ATÉ 2017.

*Adonay Goes Tinoco¹
Andrew Patrick Traumann²*

Resumo: O presente artigo procura demonstrar as origens históricas que levaram o surgimento da aliança religiosa e política entre a família real Saudita e os seguidores da vertente Islâmica Wahhabismo. Ao mesmo tempo, a obra também tem o propósito de dissertar sobre a formação do Estado conhecido como Reino da Arábia Saudita, e assim demonstrar como a aliança entre a esfera política saudita e o islâmico Wahhabita foram moldados durante a formação do reinado. Assim, eventos como o ataque a Grande Mesquita *Al-Haram* em 1979 e os atritos políticos que surgiram entre os dois grupos no decorrer da história do país árabe serão apresentados a fim de demonstrar como os avanços econômicos e políticos promovidos pela família saudita entram em choque com os valores religiosos conservadores do Wahhabismo.

Palavras-chave: Wahhabismo, Arábia-Saudita, Ibn Saud, Al-Wahhab, Juhayman

Abstract: This article seeks to demonstrate the historical origins that led to the emergence of the religious and political alliance between the Saudi royal family and followers of the Wahhabi Islamic strand. At the same time, the article also intendeds to discuss the formation of the state known as the Kingdom of Saudi Arabia, and thus demonstrate how the alliance between the Saudi political sphere and the Wahhabi Islamic group were shaped during the formation of the kingdom. Thus, events such as the attack on the Grand Mosque *Al-Haram* in 1979 and the political frictions that arose between the two groups throughout the history of the Arab country will be presented in order to demonstrate how the economic and political advancements promoted by the Saudi family clashed with the conservative religious values of Wahhabism.

Key-Words: Wahhabism, Saudi Arabia, Ibn Saud, Al-Wahhab, Juhayman

¹ Graduado em Relações internacionais no Centro Universitário Unicuritiba, em Curitiba, Paraná. adonaygtinoc@gmail.com

² Orientador professor doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) Curitiba - PR, Brasil - Lattes <http://lattes.cnpq.br/6477397342345389>. Email: andrewtraumann@hotmail.com

Artigo recebido em: 02/07/2021

Artigo aprovado em: 20/08/2021

Introdução

O seguinte artigo visa apresentar a dissertar sobre a formação do Reino da Arábia Saudita, levando em conta formação histórica da aliança religiosa e política de Bin Saud e Muhammad Bin Al-Wahhab e como tal aliança entre o membro da linhagem familiar saudita e um clérigo de vertente islâmica conservadora impactaram na formação política e econômica do país árabe. Para tal, obras como *Uma Breve História da Arábia Saudita*, de James Wynbrandt, e *Por dentro do Reino: Reis, Clérigos, Terroristas, Modernistas, e a Luta pela Arábia Saudita*, de Robert E. Lacey, serão utilizadas para trazer o contexto histórico do surgimento do reinado e sua aliança religiosa política.

Adiante, em segundo momento, o artigo irá demonstrar, com base no levantamento histórico apresentado anteriormente, como atritos políticos começaram a surgir entre as altas camadas da esfera política saudita e seguidores da linha islâmica de Al-wahhab no país. Eventos, como a tomada da mesquita por Juhayman al-Otaybi em 1979, o massacre do grupo *Ikhwan* por Ibn Saud em 1929, e a onda de atentados terroristas que tomaram o reinado árabe após o ano de 2001, serão apresentados com o uso da obra *Uma História da Arábia Saudita*, de Madawi Al-Rasheed. Assim, o artigo irá apresentar como esses eventos chave na história da Arábia Saudita revelam a situação em que a aliança Saudita-Wahhabita se encontra durante no século XXI, em destaque até o final do Reinado de Abdullah em 2015, e a chegada do Príncipe Bin Salman no poder do país árabe em 2017.

Por fim, o artigo visa apresentar como tais tensões impactaram a política interna e externa da Arábia saudita, demonstrando com o uso do livro de Madawi Al-Rasheed, o artigo de Diana Constantine e Ecaterina Matoi, intitulado *Muhammad Bin Salman Reformas Vs. Regras Wahhabitas: A Desafio Para O Status Quo Do Estado Saudita*, e o artigo do Instituto Baker de Kritian Ulrchisen e Anelle R. Sheline, intitulado *Muhammad Bin Salman e a Autoridade Religiosa e Reforma na Arábia Saudita*, como o país árabe passava e enxergar

a questão dos seus seguidores de linha conservadora Wahhabita dentro do país após os eventos chave destacados anteriormente, pontuando os atritos que surgiram entre seus seguidores do Wahhabismo e a família real com o decorrer das mudanças econômicas e tecnológicas no país, concluindo com o cenário político em que o reino saudita se encontrava no ano de 2017.

1. Wahabismo e a formação da aliança saudita-wahabita

No ano de 1744 nos confins da cidade de *Daria* no deserto do *Negéde*, Muhammad Ibn Al-Wahhab caminhou calmamente até a humilde casa real de Muhammad bin Saud, lá o clérigo muçulmano foi recebido de maneira bem hospitalar e passou dias discutindo diversos assuntos de cunho teológico e político com o líder local árabe. Tal evento cognominou na formação da aliança da casa real Saudita e a ideologia islâmica denominada como Wahhabismo, e passou a ter fortes impactos no futuro da região da península arábica (LACEY, 2009, p.20).

O cenário social e político da região da península arábica era peculiar durante o século XVIII e XIX, a região se encontrava parcialmente dominada pelo Império Otomano, conquista que foi concluída no século XVI e trouxe forte influência política e cultural turco-otomana para a região do *Hejaz e Negéde* (BERNSTEIN, 2009, p.191). O Império Otomano na época se via como o grande líder e protetor dos povos muçulmanos visto que administrava questões políticas e sociais nas cidade de *Meca e Medina*, as duas mais sagradas cidade do mundo muçulmano, assim tal reinado turco desfrutava de forte prestígio dentro da comunidade muçulmana, tomando questões como a *Dar al-Islam*, a casa do Islã, que compunha as terras majoritariamente muçulmanas e administrada por líderes islâmicos como sendo fundamentais para sobrevivência do Império (MASTERS, 2013, p.20)

Assim, em tal período várias questões chave também foram debatidas nos altos anais da teologia política islâmica, a *Ulemá*, a grande comunidade intelectual teológica islâmica como assim é chamada. Em tal comunidade vários líderes religiosos pontuavam a

importância de se protegi-la e preservar suas tradições.(ARMSTRONG, 2002, p.59) Outros líderes religiosos muçulmanos de diversos séculos traziam diversas ideias em seus discursos e até mesmo nas cúpulas administrativas dos impérios islâmicos da época, como o Império turco-otomano e o império *Safavyda* persa (ARMSTRONG, 2002, p.116) Em meio a esse contexto, mudanças na mentalidade e doutrina religiosa passavam a tomar conta de diversos povos no Oriente-Médio, diferentes grupos sectários ganhavam força na região podendo assim impor uma mudança na culturas locais que administravam, como foi o caso dos Sulfitas na região do Irã , e mais tarde com Shah Ismail que impusera o xiismo como religião oficial do Estado Persa. (ADGHIRNI, 2014, p.134).

No Império Otomano porém, tais mudanças foram marcadas por diversas conquistas militares na região do Leste Europeu, e da Península Arábica, permitindo um avanço e expansão da cultura e burocracia Otomana na região da Arábia e Egito, levando a uma maior expansão do Islã Sunita para essas regiões (AL-RASHEED, 2002,p.13).Porém, tais mudanças culturais que o mundo islâmico vivia, cognominadas com o forte avanço tecnológico da modernidade ocidental que vinha lentamente tomando as cidades do mundo árabe e turco , acabariam levando a formação de uma doutrina conservadora islâmica cujo seu berço de nascimento ocorreu em 1703, e a figura central disso foi o clérigo muçulmano Muhammad Ibn Al-Wahhab (ALGAR, 2002, p.11)

O estudioso Al-Wahhab nascido na cidade de *Al-Uyayana*, na região do *Negéde*, região central da península arábica, era um homem relativamente humilde que aprendeu a ler o livro sagrado islâmico, o Corão, bem jovem na sua vida. Ao longo de sua vida, Al-Wahhab viajou para diversas cidade na península arábica onde pode presenciar de perto as mudanças tecnológicas da modernidade no século XVIII. (ALGAR, 2002, p.11) Os prazeres físicos que existiam na cidade grande , muitos deles providos pelo tabaco, música, e dança, permitiram ao clérigo notar, em sua visão teológica e política, uma forte desconexão entre o que era pregado na grandes vertentes religiosas do Islã na sua época e o estilo de vida local da população (HOUSE, 2012, p.11) Para Al-Wahhab , o estilo de vida presente nas cidades otomanas era visto como não islâmico, uma vez que não era similar ao estilo de vida presente

no ensinamentos do livro sagrado e dos *Haddiths*, textos sagrados canônicos islâmicos. Caberia assim a todo o muçulmano abandonar tal dependência com a modernidade e a tecnologia para voltar para um estilo de vida similar ao presente na época do profeta, durante o século 7 d.c. (ALGAR, 2002, p.10).

Logo o clérigo começou a fazer discursos promovendo sua doutrina, doutrina essa que se declarava como sendo *Muhedun*, monoteísta e ao mesmo tempo a verdadeira vertente seguidora dos ensinamentos do profeta, enquanto as demais doutrinas islâmicas eram *Shuk*, politeístas, e assim não puramente islâmica, uma vez que a questão monoteísta era vista como fundamental na doutrina de tal religião. Seu ponto principal na doutrina era voltado a seguir os caminhos originais do muçulmanos com simplicidade, sem apego ou dependência à modernidade política e tecnológica; além de promover a fé única a deus sendo ele um só, no qual deveria ser eliminada qualquer imagem de seres ou entidades que lhe possam distrair da devoção pura a deus. A defesa de costumes conservadores sociais com meio de coesão e punição severa também faziam parte do discurso do clérigo. (LACEY, 2009, p.20)

Os discursos de Al-Wahhab porém não foram completamente aceitos por todos os grupos que pregava para, e logo o clérigo teve de fugir da cidade de *al-Uyayna* em decorrência de uma perseguição religiosa que o *Sheik* da cidade impusera sobre ele. Porém, esse estava longe de ser o fim da influência do clérigo, e logo Al-Wahhab tomou refúgio na cidade de *Daria* (ALGAR, 2002, p.18-19).

Na pequena vila de *Daria*, Muhamma bin Saud era o administrador local da vila, sua linhagem patriarcal de líderes porém não era muito conhecida fora da pequena aldeia, mas bin Saud certamente buscava garantir um maior renome a sua linhagem. Quando Al-Wahhab chegou em sua cidade, Bin Saud já tinha conhecimento das ideias defendidas pelo erudito religioso, e para o agrado do clérigo, ambos puderam desfrutar de uma longa e construtiva reunião. A discussão que tomou conta da cidade de *Dária* logo marcou o que seria conhecido como a aliança Saudita-Wahhabita. (LACEY, 2009, p.20).

Tal aliança formulou os parâmetros básicos da administração político/social que a família Saudita passaria a impor na região. Com isso, Bin Saud passaria a administrar

questões de cunho político e militar, garantindo uma total proteção ao clérigo e seus seguidores, ao mesmo tempo em que garantia a expansão da sua doutrina as demais vilas; já para Al-Wahhab, o clérigo e seus seguidores passariam a ter de promover um constante apoio ao Rei Saud, para garantir a permanência de sua família no reinado local e uma continuidade da linhagem saudita, ao mesmo tempo em que administraria questões de cunho social e moral na população local. A formalização da aliança ocorreu em 1744, com o casamento da filha de Al-Wahhab com o Abdulaziz bin Muhammad al Saud, filho mais velho de Bin Saud (WYNBRAND, 2010, p.120).

Entretanto, tal aliança não teve somente o intuito de garantir a permanência de poder da família saudita na pequena vila de *Daria*, Bin Saud logo notou o enfraquecimento militar e político que vinha tomando o Império Otomano no decorrer do século XVIII. Comunidades locais do deserto do *Negéde* também demonstravam certa insatisfação com o domínio estrangeiro sobre suas terras, além das desavenças culturais e religiosas que a população mais conservadora do deserto tinham em relação a ideias presente das comunidades e elites cosmopolitas do Império Otomano, foram os fatores que permitiram Bin Saud a organizar sua campanha militar com o apoio de Al-Wahhab e outro grupos locais menores que resolveram se juntar a causa contra a dominação turco Otomana na região (WYNBRANDT, 2010, p.120).

Sua campanha militar no decorrer do século XVIII foi marcada por forte sucesso, diversos grupos sectários árabes começaram a se juntar a causa de Bin Saud e logo foram se convertendo a nova doutrina Wahhabita (AL-RASHEED, 2002, p.18). Mesmo com a eventual morte de Bin Saud em 1765, seu filho Abdulaziz continuou sua campanha com forte sucesso, chegando a tomar a cidade de *Ridia*, eventual capital do reino moderno da Arábia saudita, e a cidade de *Meca* em 1803. (NADAV, 12, 1985) Tal conquista marcou um novo paradigma na história da família Saudita e na população árabe na região, o estabelecimento do que viria a ser conhecido como o Primeiro Reino Saudita deixou na visão da autora Madawi Al-Rasheed:

“A expansão do primeiro emirado Saudita-Wahhabita resultou na criação de um reino político com fronteiras flutuantes. Os descendentes de Al Saud, legitimados pela liderança Wahhabi, forneceram uma liderança política permanente de acordo com o juramento de 1744“(AL-RASHEED, 2002, p.21 tradução nossa)³

Assim, desde então a família saudita passou a se dedicar a manter a aliança entre os dois grupos em constante funcionamento, e mesmo com a eventual resposta militar Otomana em 1811, com o envio de tropas egípcias lideradas por Muhammad Ali Pasha e Ibrahim Pasha, um novo paradigma político tomou conta da península arábica, no qual a aliança Saudita-Wahhabita passaria a exercer um papel chave na formação do moderno Estado saudita, ou também conhecido como o Terceiro Reinado Saudita (SAFRAN, 1985, p.13).

As semente da criação desse reinado porém só viriam a germinar mais tarde, já que companhia de Muhammad e Ibrahim Pasha obteve sucesso em subjugar o reinado saudita. Porém é importante destacar que a aliança Saudita-Wahhabita trouxe para a região da península arábica uma certa estabilidade, pois garantiu uma união sectária entre os diversos grupos árabes em nome de uma causa em comum, marcando uma forte resiliência no seu movimento político religioso que levaria uma profunda mudança na política da região no século seguinte (WYNBRAND, 2010, p.144).

2. Criação do Terceiro Reinado Saudita e a questão dos Ikhwan

A derrota saudita perante a resposta militar Otomano-Egípcia não marcou o fim da aliança da família Al-Wahhab e saudita, muito pelo contrário, houve forte resiliência por parte da família que dominava a cidade de *Daria* em preservar o acordo. Assim, tentativas para restabelecer o reinado começaram a surgir na região do *Negéde*, sendo a de maior

1 The expansion of the first Saudi–Wahhabi emirate resulted in the creation of a political realm with fluctuating boundaries. The descendants of the Al Saud, legitimised by the Wahhabi leadership, provided a permanent political leadership in accordance with the oath of 1744 (AL-RASHEED, 2002, p.21)

sucesso a conquista da cidade de *Ridia*, por Turki Ibn Abdullah em 1824, neto de Abullaziz bin Saud, e sua conquista de *Ridia* marcou o que seria conhecido como o Reinado de *Negéde*, também conhecido como o segundo reino saudita (VASSLIEV, 2013, p.329).

O reinado porém logo se deparou com diversas dificuldades, sua coexistência com os poderes regionais do *Negéde* acabou deixando evidente que tal emirado se encontrava extremamente frágil diante das demais famílias e tribos da região. Assim, o reinado logo passou a vivenciar um forte período de declínio e instabilidade, principalmente após a morte de seu rei, Abdullah bin Faisal Al Saud em 1865. Com isso, sem uma forte figura que poderia promover estabilidade na região, membros da família saudita começaram a disputar pelo poder da administração do reinado, fator que deu oportunidade para membros de um tribo local, os *Rasheed*, se aproveitarem do conflito e tomarem as cidades Sauditas, concluindo sua conquista em janeiro de 1891, colocando um fim ao segundo e instável reinado (ULRICHSEN; SHELINE, 2019 p.2). Todavia, assim como as sementes da aliança Saudita-Wahhabita ainda permaneceram vivas e germinando após a conquista do primeiro reinado, o mesmo continuou a ocorrer após o fim do reino do *Negéde*. (WYNBRAND, 2010, p.165).

Com o fim do segundo reinado e a dominação do clã *Rasheed* sobre a região do *Negéde*, Abd Al-Rahman ibn Faisal Al-saud, último líder saudita do segundo reinado, fugiu com sua família pra a região do Bahrain, onde permaneceu em refúgio até se exilar com sua família no Kuwait em 1893. Lá, seu filho passaria administrar os negócios da família, e tal figura se tornaria o fundador do terceiro reinado saudita, Abd al-Aziz ibn Abd al-Rahman ibn Faisal Al Saud, mais conhecido como Ibn Saud (WYNBRAND, 2010, p.166).

O contexto geopolítico na virada do século XIX para o século XX porém era bem diferente do que fora vivenciado pelos antepassados de Ibn Saud. O Império Otomano, agora se encontrava ainda mais fragilizado após sofrer uma série de derrotas militares no leste europeu. O Reino Unido, que já vinha expandindo sua presença na região do Oriente-médio no decorrer do século XIX, agora apoiava o Reinado *Rasheed* e trabalhava junto com a França para diminuir a presença Otomana na região, ao mesmo tempo, tensões começavam a se formar na Europa, no qual o recém formado Império Alemão parecia entrar cada vez

mais em atrito com o Reino Unido, visto que o recém formado Império europeu estava se aproximando diplomaticamente cada vez mais do Império Otomano (WYNBRAND, 2010, p.167).

Em meio a esse contexto, Ibn Saud, buscando restaurar o reinado de seus antepassados, começou a orquestrar uma série de pequenas campanhas militares de ação rápida na região, onde utilizou da região do Kuwait como base de refúgio. Suas ações eram majoritariamente voltadas contra o clã Rasheed, e logo conseguiu conquistar significativas vitórias na região do *Negéde*, conquistando significativa parte do território desértico (WYNBRAND, 2010, p.169 -170).

O forte sucesso de suas campanhas militares foi também acompanhado de acordos com o Império Otomano, buscando estabelecer um domínio oficial do reinado saudita na região e o reconhecimento por parte dos otomanos sobre a administração de tal família sobre as regiões conquistadas. Ao mesmo tempo, o Reino Unido viu com bons olhos o sucesso de Ibn Saud, uma vez que suas conquistas pareciam enfraquecer a presença Otomana no mundo árabe (AL-RASHEED, 2002, p.39). Tal desejo da potência Europeia era impulsionada com base na recém descoberta do petróleo e seu potencial tecnológico e energético, descoberta essa que iria trazer forte interesse europeu para a região do Oriente-Médio, uma vez que havia sido descoberto na Pérsia, atual Irã, em 1908 a presença abundante do material. A Grã-Bretanha logo iniciou seus projetos de exploração da matéria-prima e ao mesmo tempo começou a orquestrar planos mais complexos com as demais potências europeias, em destaque a França, para enfraquecer o Império Otomano na região (ROGAN,2009, p.239).

A descoberta de petróleo no oriente médio e o avanço das conquistas de Ibn Saud marcaram o início do capítulo chave para a formação do terceiro reinado Saudita na região, e agora o grande evento chave, conhecido como a Primeira Guerra Mundial marcaria o avanço desse capítulo na formação de tal Estado. A eclosão de tal conflito em 1914 deixou fortes cicatrizes na história do Oriente-Médio. Com o decorrer da guerra, O Reino unido e a França buscaram fomentar conflitos nas regiões árabes dominados pelo Império Otomano. A revolta árabe tomou conta da região em 10 de junho de 1916 com uma aliança entre Sharif

Hussein de Mecca, o líder religioso e descendente do profeta Muhammad, do grupo Hashimita, e o Império Britânico marcando o início de tal evento que deixaria fortes marcas históricas na formação de vários estados árabes na região, entre eles a Arábia Saudita (KHALID, 1991, p.189).

O plano geopolítico do Reino Unido e da França em desmembrar o Império Otomano começou a entrar em ação, e a promessa de um Estado árabe independente unificado liderado pela Dinastia Hashimita parecia estar virando uma realidade no decorrer da revolta que ocorria em plena primeira guerra mundial (KHALID, 1991, p.190). Em meio a revolta, Ibn Saud passou a utilizar do cenário caótico que sua região vivia para conquistar mais territórios Otomanos e de clãs rivais. Além disso, o líder saudita também buscava, similar os seus antepassados, promover a visão religiosa Wahhabita para os demais povos árabes, e para isso, ibn Saud organizou o grupo *Ikhwan*, grupo formado por nômades árabes na região que adotaram o Wahhabismo como sua fé e doutrina islâmica. Os *Ikhwan*, Irmandade em árabe, tiveram um grande sucesso em suas ações militares, e promoveram a visão Wahhabita, muitas vezes a força, sobre os demais clãs conquistados, garantindo para Ibn Saud e os seguidores do Wahhabismo, uma expansão de sua doutrina na região, enquanto garantia uma união ideológica entre os diversos séquitos (BOWEN, p.91, 2007).

Paralelamente a revolta árabe, Ibn Saud formulou acordos com os britânicos a fim de estabelecer um Estado árabe saudita na região do *Negéde*, acordo esse que foi aceito por parte da potência estrangeira, que passou a prover armas para as tropas rebeldes árabes. A formação de tal acordo logo deixou evidente que o desejo árabe do grupo Hashimita em formar um estado único e independente sobre os territórios otomanos estavam em cheque, e logo tensões entre o Sharif Hussein e Ibn Saud começaram a surgir (WYNBRAND, 2010, p.177).

Com o decorrer da revolta, a promessa Britânica de um Estado árabe independente logo fora abandonada, a formação do Acordo de Sykes-Piccot em 1916 estabeleceu boa parte das fronteiras dos Estados no Oriente Médio, criando diversos Estados a partir da divisão do território do Império Otomano, que se encontrava no lado derrotado na Primeira Guerra

Mundial, e assim nada poderia fazer para impedir as ações das potências europeias. A divisão do território Otomano criou diversos Estados protetorados na região, impondo sérias divisões fronteiriças sobre várias culturas e povos árabes (ASSUMPÇÃO, 2015, p.17) Em tal acordo, ficou estabelecido que o Reino Unido ficaria responsável pela administração do Iraque e da região da Palestina, já a França ficaria administrando a região da Síria e do Líbano (CHEMERIS, 2002, p.44).

Com a implementação dos acordos de Sykes-Piccot no fim Primeira Guerra Mundial em 1918, o sentimento de traição tomou conta das delegações diplomáticas árabes que foram prometidas a criação de um Estado Unitário na região. Porém para Ibn Saud, ficou claro que um novo capítulo se formava para a instauração de seus planos em criar um forte estado Saudita. Assim no decorrer da década de 1920, conflitos começaram a surgir esporadicamente entre as tropas sauditas e Hashimitas. Logo os conflitos e disputas territoriais começaram a ganhar maior força, levando Ibn Saud a instaurar sua campanha de conquista da península arábica, eliminando a presença da família Hashimita na região (WYNBRAND, 2010, p.182–183). Sua campanha militar contou com forte sucesso e foi fundamental para dar credibilidade a sua causa política e religiosa na dentro da península desértica (SUNAYAMA, 2007, p.19). Com isso, em 1925 Mecca e Medina haviam sido conquistadas por Ibn Saud em grande parte graças as ações das tropas Ikhwan (WYNBRAND, 2010, p.183). A traição britânica perante a promessa feita aos Hashimitas e o gradual abandono do apoio da potência europeia a causa árabe foram fundamentais ao sucesso de Ibn Saud, junto com a eficiência das tropas nômades. Porém, pouco imaginava que tamanho sucesso de suas tropas seria o primeiro desafio que Ibn Saud teria de enfrentar após sua vitória contra os Hashimitas, e marcaria também o primeiro atrito que surgiu na história da aliança Saudita-Wahhabita (AL-RASHEED, 2002, p.67).

No decorrer de sua campanha militar, atritos de cunho religioso surgiram entre as tropas *Ikhwan* e os demais apoiadores de Ibn Saud. Logo o líder árabe se viu forçado a intervir em meio a tais controversas. Como seguidores fieis da doutrina wahhabita, muitos *Ikhwan* promoveram um modelo de vida fundamentalista se opondo severamente ao uso de veículos

automobilísticos, aviões, linhas telefônicas e demais invenções que muitos deles consideravam como “invenções dos infiéis”, já que a rejeição da modernidade, era um parâmetro básico de sua doutrina. Após sabotarem as linhas telefônicas em Mecca em 1926, Ibn Saud argumentou para os *Ikhwan* que o Corão não continha passagens que impedissem seus seguidores de usarem das tais tecnologias, além disso, pontuou que as armas que os *Ikhwan* usavam, rifles muitos deles produzidos no continente europeu, eram de fato “invenções dos infiéis”, e assim deveriam devolver suas armas visto que o grupo buscava promover uma forte devoção ao estilo de vida que existia na época do profeta (WYNBRAND, 2010, p.185 -186).

Esse evento em Meca foi o início do primeiro grande atrito das alianças Sauditas wahhabitas, e logo iria evoluir para um conflito maior. Em 1927, Ibn Saud conseguiu o reconhecimento do Reino da Arábia Saudita por parte do Reino Unido com a conclusão do tratado de Jeddah, suspendendo o tráfico de escravos na região em troca do reconhecimento (WYNBRAND, 2010, p.186). Seu reino estava majoritariamente concluído, mas agora membros do grupo *Ikhwan* aclamavam pelo fim da presença britânica na região, e a continuidade da expansão territorial saudita para promover o wahhabismo sobre os demais povos árabes. Assim, revoltas armadas *Ikhwan* começaram a tomar conta do recém conquistado território de Ibn Saud, e a revolta marcou uma significativa divisão ideológica entre membros mais ligados à causa wahhabita e os mais leais à família Saudita (LACEY, 2009, p.24).

Em meio à revolta, Ibn Saud se viu obrigado a agir de forma rápida e logo ordenou a repressão severa do movimento armado no norte do país em 1929, resultando num massacre de boa parte dos membros nômades armados. O uso de metralhadoras de última geração contra os camelos e rifles mais antigos dos *Ikhwan* deixou um forte contraste entre a modernidade tecnológica que Ibn Saud permitia ser usada para atingir seus objetivos e a visão conservadora fundamentalista dos *Ikhwan*. (LACEY, 2009, p.24). Com o fim da revolta, Ibn Saud pôde concluir seu projeto de criação estadista em 23 de setembro de 1932. Quando o

líder saudita declarou formalmente a criação do Reino da Arábia Saudita, também conhecido como o Terceiro Reinado saudita (AL-RASHEED, 2002, p.68).

3. Formação de Estado e Modernização

A criação do Reino Da Arábia saudita em 1932 foi um marco histórico para as relações da família saudita e o grupo wahhabita. Ibn Saud, logo após estabelecer seu novo Estado-Nação, buscou instaurar uma forte linhagem familiar para administrar seu reinado, marginalizando e removendo seus irmãos e sobrinhos da esfera política do país, e instaurando seus filhos aos principais cargos administrativos dos reinado (AL-RASHEED, 2002, p.69). A medida em que Ibn Saud instaurava medidas governamentais para a formação do Estado Saudita, ficou claro que o reinado iria seguir um modelo político Monárquico absolutista, no qual a linhagem real iria ser passado de pai para filho, com o filho mais velho assumindo o cargo de Rei do país árabe. Assim, Ibn saud logo buscou ter vários filhos e filhas, chegando em 1953, a ter quarente e três filhos e mais de cinquenta filhas, a fim de estabelecer uma forte continuidade na sua linhagem familiar (AL-RASHEED, 2002, p 72).

Ao mesmo tempo a questão econômica do reino foi um assunto constantemente debatido na esfera política saudita, e seu grande chefe foi Abdullah Ibn Sulayman, ministro das finanças do país que buscou reformar a economia saudita que na época era fortemente dependente de doações financeiras do Reino Unido e do *Zakat*, Imposto islâmico que todo muçulmano deveria pagar para contribuir a sua comunidade (VASSILIEV, 2013, p.604-605). Com, isso na sua busca em reformar e modernizar a economia saudita, Sulayman, em decorrência da descobertas de jazidas de petróleo no seu país, negociou com o governo dos Estados Unidos e assinou o um acordo em 1933 com a companhia *Standard Oil Company of California*, a SOCAL. No acordo ficou estabelecido que a empresa americana ira conceder 50% do lucro adquirido sobre a exploração de petróleo no país para o governo saudita (WALD, 2018, p 19).

Tal acordo, e eventual instauração da subsidiária estadunidense no país, a *Californian Arab Standard Oil Company*, CASOC, foi a base para a criação da *Arabian American Oil company*, ARAMCO, em 1944, empresa essa que passaria a exercer um papel fundamental na construção de grandes projetos no país árabe (LONG, 1997 p.63). A criação de tal acordo trouxe uma vasta onda de capital para os bolsos da monarquia saudita e marcou o início de uma aproximação diplomática entre os EUA e a monarquia árabe. Projetos de infraestrutura e compra de automóveis foram apenas o início da imensa transformação tecnológica e social que a sociedade árabe saudita passou a vivenciar (BOWEN, 2007, p.104-105).

Junto a tamanha transformação vivenciada na administração de Ibn Saud, a questão wahhabita também ficou em foco, afinal membros da *Ulemá* e clérigos wahhabis enxergavam a entrada de novas tecnologias e estrangeiros não muçulmanos com desaprovação. Assim, as primeiras décadas de expansão econômica, Ibn Saud buscou manter uma forte relação com os clérigos que cuidavam da questão religiosa na sociedade árabe. Seu projeto administrativo monárquico permitiu a Ibn Saud conceder grande poder para os clérigos da *Ulemá* no país, que logo se utilizaram do prestígio para moldar a educação da população e eliminar qualquer tradição ou prática cultural que consideravam não islâmica, desde que não interferissem nas áreas de investimento tecnológico. Assim, o rei saudita pode vivenciar uma relação relativamente harmônica com a esfera Wahhabita de seu governo, coisa que não seria o caso para os seus filhos (AL-RASHEED, 2002, p.102).

Com a morte de Ibn Saud em 1953 um novo monarca deveria assumir o cargo de Rei e chefe de Estado maior do país. Após uma série de entraves conturbados contra seu irmão, Saud Abdulaziz assumiu o cargo. Seu reinado foi marcado por um período de relativo crescimento econômico em decorrência da exploração e exportação de petróleo, porém na esfera política Saud Abdulaziz vivenciou constantes ameaças ao seu lugar no trono, em destaque vindo de seu Irmão Faisal bin Abdulaziz. Tais ameaças marcaram boa parte da história do seu reinado até 1964 (AL-RASHEED, 2002, p.102-103). As disputas políticas entre Abdulaziz e Faisal logo cognominaram na remoção do monarca em 28 Novembro de 1964. Com a remoção de seu irmão do cargo, Faisal logo assumiu o posto de Rei da Arábia

saudita, e passou a administrar o país rapidamente. Seu governo fora marcado por um discurso mais conservador apelando para as camadas mais fundamentalistas do governo e população, somado a uma forte onda de crescimento econômico (MANN, 2013, p.29).

Tal discurso conservador muitas vezes apelava ao anseios morais da ala wahhabita no país. O investimento na área de educação religiosa com o uso do capital adquirido através da exploração do petróleo pela agora existente Saudi Aramco, acabou provendo forte influência política e social às *Ulemás* para a sociedade Saudita, que agora tinham total poder de moldar o currículo educacional do país. Entretanto, o forte investimento na área de educação que Faisal promoveu também tinha por objetivo de introduzir as mulheres sauditas no mercado de trabalho, para isso era necessário provê-las como uma educação técnica e qualificada, coisa que somente foi permitida quando o rei convenceu os clérigos da *Ulemá* que tal educação teria forte embasamento religioso islâmico. Assim nota-se que as políticas econômicas de Faisal tinham em si um caráter reformista para o país árabe, o que fez com que as camadas conservadoras começassem a desaprovar suas medidas de transformação social e econômica. Eventos como os protestos de 1965 promovidos pela *Ulemá* wahhabita em decorrência da entrada da televisão no país revelam claramente que um confronto entre a ala Saudita e a ala religiosa wahhabita estava emergindo cada vez mais dentro dos anais políticos do país (AL-RASHEED, 2002, p 118-119).

Visto o surgimento de atritos políticos que surgiam na sociedade do país árabe, vale pontuar que Faisal também buscou promover uma política externa mais participativa no mundo árabe, buscando negociar o fim da guerra que ocorria no Yemen em 1965, e enviando tropas para a Jordânia durante a guerra do seis dias em 1967 (AL-RASHEED, 2002, p.124). Além disso, seu discurso geopolítico contou com um foco mais conservador, já que o regime islâmico saudita via as ideologias nacionalistas presentes no Iraque e na síria como sendo antagônicas a visão religiosa do reinado. A visão de influência socialista que existia no partido Ba'ath no Iraque e Síria também entravam em choque com os valores religiosos da Arábia Saudita (AL RASHEED, 2002, p.128) Fato era que o Reinado administrava as duas maiores cidades sagradas do mundo muçulmano, Mecca e Medina, e os anseios políticos

promovidos por ideologias de origem nacionalista árabe e influência socialista que existiam na região entravam em conflito ideológico com a visão teocrática saudita (AL-RASHEED, 2002, p.126)

Assim o uso de um discurso diplomático de foco Pan-islâmico, principalmente durante o conflito da guerra do seis dias em 1967, e da guerra do Yom Kippur em 1973, serviram para promover um alternativa tanto dentro da Arábia Saudita contra qualquer tipo de movimento nacionalista árabe dissidente, quanto no mundo árabe fora das fronteiras do reinado. (AL-RASHEED, 2002 p.128) Alternativa essa que buscava unir os muçulmanos de diversos continentes, como na África e Ásia, em prol da causa Palestina contra o país Sionista que era Israel, ao mesmo tempo em que enviava ajuda financeira e humanitária para instituições internacionais islâmicas. Suas declarações condenando a tomada de Jerusalém por parte do Estado judeu também reforçaram sua posição Pan-islâmica (BELING, 2019, p.14).

Porém, seu discurso político externo sempre fora bancado pelo avanço econômico e tecnológico que seu país desfrutou com a entrada de capital estrangeiro vinda da exploração de Petróleo. Fato era que a crise do petróleo em 1973, embargo e subida de preço do barril de petróleo imposta pela Arábia Saudita e demais países exportadores de petróleo contra os países ocidentais em apoio ao Egito na guerra de 1973, trouxe forte atenção e lucro para o reinado árabe. T tamanha foi a entrada de capital estrangeiro que permitiu ao regime saudita a expandir ainda mais seus projetos de modernização de infraestrutura e tecnologia no país (AL-RASHEED, 2002, p.130). Porém para Faisal, a intensificação de seu projeto de modernização do país árabe acabou lhe custando sua vida.

Rei Faisal foi assassinado em 25 de março de 1975, pelo seu neto Faisal Ibn Musa'id, como vingança pela morte do príncipe Khalid, irmão do Musa'id durante os protestos de cunho religioso conservador de 1965. Sua morte deixou um forte impacto na memória da população saudita e membros da família real logo buscaram um novo rei para assumir o trono real (AL-RASHEED, 2002, p.137).

4. Juhayman e os atritos na Aliança Saudita-Wahabita

A chegada de Khalid Abdulaziz no poder em 1975 deu início a um reinado marcado pela contradição política e social que evoluía na Arábia Saudita entre a esfera familiar de Saud e a esfera conservadora wahhabita. Tal contradição ficou evidente durante o ano de 1979, ano que marcaria a história das relações Saudita-Wahhabita e traria um novo capítulo nas políticas do reinado (AL-RASHEED, 2002, p.137).

Em primeiro momento, a eclosão da revolução iraniana de 1979 e seus ideais revolucionários xiitas influenciaram significativamente os anseios políticos para as minorias xiitas que habitavam a Arábia Saudita. Ao mesmo tempo, a invasão da potência soviética ao Afeganistão deixou a elite saudita surpreendida, vendo que agora um país de ideologia socialista ocupava um país muçulmano (AL-RASHEED, 2002, p.137). Porém, o evento de maior impacto para as relações Saudita-Wahhabita ocorreram na manhã 20 de novembro de 1979, na cidade de *Mecca*. Durante essa manhã, que também era o primeiro dia do ano 1400 no calendário tiros ecoaram pelo pátio central da mesquita. Foi o início de um grande evento que marcaria a história da Arábia Saudita e do mundo Islâmico. Juhayman al-Otaybi, tomou à força a grande mesquita de *Mecca*, junto com pouco mais de trezentos homens (LACEY, 2009, p. 30- 31). Tal grupo armado era composto por seguidores da doutrina islâmica conservadora do grupo al-Jama'a al-Salafiyya al-Muhtasib, grupo islâmico conservador de influência wahhabi formado na década de 1960, que via a necessidade de uma purificação dos valores islâmicos na sociedade e governo saudita, para promover o retorno de uma sociedade muçulmana fundamentalista, similar aos valores promovidos por Al-Wahhab (HEGGHAMMER; LACROIX, 2007, p.106). Sua tomada da mesquita ocorreu com base em uma visão religiosa, no qual acreditava que seu amigo, Muhammad al-Qahtan era o *Mahdi*, Messias na doutrina islâmica que iria revitalizar os laços islâmicos na sociedade e guiar seus seguidores ao caminho correto (HEGGHAMMER; LACROIX, 2007, p 112).

A tomada da grande Mesquita de *Al-Haram* marcou um capítulo chave para a história da Arábia Saudita. Era a primeira vez que a monarquia tinha sofrido um ataque de tamanha

magnitude vinda de um grupo religioso tradicionalmente favorável as doutrinas do regime, os *Bayt al-Ikhwān*, a Casa dos Irmãos em árabe, grupo de inspiração conservadora islâmica similar ao wahhabismo seguido pelos *Ikhwān* da década de 1920. Historicamente a família real Saudita sempre via grupos de ideologias à esquerda, em destaque o Marxismo e o socialismo, como as maiores ameaças ao reinado. Quando Juhayman iniciou o ataque ficou claro para a monarquia Saudita que uma nova atenção e uma nova política de Estado deveria ser tomada a fim de evitar um futuro evento como este (LACEY, 2009, p.49). Para a família Saudita e os grupos de cunho religioso conservador os acontecimentos de Novembro de 1979 simbolizaram um choque de mentalidades no país, choque esse que passaria a ser promulgar ao longo do final do Século XX e início do Século XXI dentro da monarquia Islâmica. A visão mais institucional e favorável a continuidade do regime principalmente nas questões admirativas de Estado entrou em choque com a visão ultra conservadora defendida pela vertente islâmica Wahhabita no país (LACEY, 2009, p.50-52).

Após a retomada da mesquita e a execução de Juhayman, o rei Khalid e membros da família real logo começaram a caçar possíveis outros dissidentes políticos do regime. Ações como a condenação do ataque por membros do clero islâmico, e até mesmo a ajuda da *Ulemá* saudita em aprovar a ação militar para a retomada da Mesquita não foram o bastante para acabar com as tensões entre as duas esferas políticas do país árabe. Ambos os grupos entendiam que tal rebelião simbolizava uma ruptura decorrente dos desenvolvimentos tecnológicos, morais, e sociais que emergem no país (AL-RASHEED, 2002, p.141). A forte onda de modernização entrava em contradição com o modo de vida promovido pela doutrina de Al-Wahhab. Centros de educação na sociedade saudita dirigidos pelas *Ulemás*, durante a formação do Estado eram encarregados de letrarem a população analfabeta e pobre do país, porem a realidade de 1979 já não era a mesma de 1932. O monopólio da educação por tais grupos fundamentalistas somado a instauração de forças policiais que vigiavam a vestimenta e as morais da população, os *Al-Mutawwa*, principalmente sobre as mulheres, revelava que a política e sociedade árabe saudita que se formara em 1744, e até mesmo em 1932, já não era

mais a mesma que quando Juhayman tomou a mesquita (MAṬOI; CONSTANTIN, 2019 p, 241-242).

Fato era que os valores de Juhayman era mais similares aos defendidos pelos *Ikhwan* do passado e não eram compatíveis com o discurso político de Faisal, que defendia a modernização da sociedade árabe e uma maior aproximação política com os Estados Unidos. Somado a tal atrito protestos e revoltas formadas por grupos xiitas no país começaram a ocorrer logo após a tomada da mesquita, muitas delas influenciadas pelos ideais de Khomeini durante a revolução de 1979, surgindo assim uma intensificação de atritos políticos entre o Estado Iraniano e o Estado Saudita, atrito esse que eclodia tanto na via política quanto cultura, uma vez que ambos os Estados se via como líderes das principais vertentes do Islã, sendo a Arábia Saudita seguidora do Sunismo e o Irã do xiismo islâmico (MUELLER, 2020, p.2). Tais eventos acabaram por somente aumentar as frustrações políticas da família real, em grande parte porque se viram forçados a ceder certas ações econômicas a fim de pacificar as revoltas, fator que acabou aumentando os atritos com a camada Wahhabita da população (AL-RASHEED, 2002, p 141-142).

5. O futuro das relações Sauditas-Wahabitas e a chegada de Bin Salman

O reinado de Khalid durou pouco, poucos anos após os eventos de 1979, o Rei acabou falecendo 1982. O príncipe Fahd assumiu o cargo de rei, e junto com seis outros irmãos, consolidou importantes posições políticas e projetos no país. Em decorrência dos eventos de 1979, Fahd e seus irmãos buscaram focar a maior parte de suas ações na área de defesa, buscando proteger a família real de possíveis inimigos internos. Assim, vários cortes de gastos em projetos de infraestrutura e investimentos na área militar marcaram sua administração (AL-RASHEED, 2002, p.143-146).

Os eventos de 1979 porém continuaram marcando as relações dos dois grupos na história da monarquia, e logo a família saudita passou a ter de lidar com uma série de desafios para manter a legitimidade de seu regime. Eventos como a invasão de Saddam Hussein no

Kuwait em 2 de agosto de 1990 mostraram a necessidade de maior investimento militar para a monarquia, ao mesmo tempo em que alavancou a forte onda de investimentos da indústria militar dos Estados Unidos no País, fazendo com que a presença de estrangeiros e tropas Estadunidenses comprometidas a proteger um aliado petroleiro, aumentasse ainda mais no país. Tal evento fez com que a família real tivesse de justificar suas ações para as camadas mais conservadoras da população, que já estavam fortemente insatisfeitos com os eventos do passado e a onda de repressão que a família saudita promovia contra eles (AL-RASHEED, 2002, p.158-159). Fato era que para muitos sauditas a presença de tropas estrangeiras no país revelava uma total dependência que a monarquia tinha em relação aos Estados Unidos, além disso, tal presença era vista como uma afronta aos princípios islâmicos de Al-Wahhab, uma vez que infiéis foram convidados a defender as terras sagradas do islã. Muitos líderes religiosos condenaram a ação da família real, o que só serviu para intensificar a ruptura que surgiu em 1979 (AL-RASHEED, 2002, p.160).

Somado a tais tensões, o surgimento do movimento político e social denominado *Sahwa*, Despertar em árabe, revelou como a camada religiosa fundamentalista da sociedade saudita procurava agora se envolver em outras questões políticas, além da esfera educacional e moral. Tal movimento formado por clérigos buscava remover as tropas dos Estados Unidos no país, além de defender um maior controle das mídias estrangeiras que entravam fortemente na sociedade saudita no decorrer dos anos de 1990. Assim fica evidente que o acordo de divisão de trabalho formado por Bin Saud e Al-Wahhab estava sendo desafiado (ULRICHSEN; SHELINE, 2019, p.3-4).

Infelizmente para a casa real de Saud, tais tensões só iriam a aumentar no decorrer das décadas de 1990 e 2000. Em 11 de setembro de 2001, dois aviões atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Com a descoberta do envolvimento de cidadãos sauditas no ataque, o país árabe se viu forçado a abrir suas fronteiras para jornalistas e autoridades nacionais estrangeiras, buscando limpar sua reputação e combater o terrorismo (AL-RASHEED, 2002, p.223).

Similar as críticas e atritos enfrentados pelo governo Saudita durante a guerra do golfo, não é surpreendente ver que tal aproximação e dedicação da casa real de Saud ao combate ao terrorismo islâmico foi criticado pelas camadas conservadoras de suas sociedade. Porém dessa vez, as críticas e protestos foram acompanhados de atos terroristas no país árabe que tomaram conta de seu cenário social e político de 2001 até 2008, matando vários cidadãos sauditas e estrangeiros no país (AL RASHEED, 2002, p.276).

Os atritos entre a família Saudita e as camadas de vertente Wahhabita atingiram um novo patamar, ficava claro que as relações amistosas entre os dois grupos que surgiram com a criação do primeiro reinado não eram mais as mesmas. Campanhas ideológicas voltadas a uma retórica de remoção dos infiéis no país e uma declaração de líderes Wahhabitas criticando fortemente a monarquia como sendo um estado infiel marcaram o final do mandato de Fahd e deixavam evidente que a liderança saudita terá de lidar com uma gama entraves internos contras suas camadas mais conservadoras (AL RASHEED, 2002, p.276). E para amargar ainda mais as tensões dos grupos, os eventos do 11 de setembro fizeram com que o governo árabe implementasse um currículo escolar no país de vertente mais secular e voltado para a criação de profissionais técnicos, o que entrava em choque com o modelo tradicional defendidos pelas *Ulemás* (COMMINS, 2006, p.129).

Os atritos na área da educação e a modernização marcaram boa parte do reinado de Fahd, e mais tarde do rei Abdullah em 2005 até 2015. Tais tensões passavam a ser algo corriqueiro no regime saudita, que agora, vivenciava um novo avanço nas tensões da aliança Saudita-Wahhabita. A chegada do príncipe Mohammad Bin Salman, filho de Salman bin Abdulaziz, em 2017 parece trazer um novo capítulo para as relações entre os dois grupos na sociedade e política saudita (ULRICHSEN; SHELINE, 2019, p.3). O príncipe, que desfruta de maior poder prático que o Rei, marco na história do país, deixava claro após assumir o cargo de príncipe que uma nova onda de políticas progressistas iriam moldar a sociedade saudita. A suspensão do banimento de mais de 30 anos do direito das mulheres dirigirem, e suas políticas de restrição a polícia moral, *Al-Mutawwa*, revelam que os interesses do Príncipe indicam que a casa de Saud parece estar ativamente quebrando boa parte de suas

relações com as camadas Wahhabitas de sua sociedade (MAÇOI; CONSTANTIN, 2019, p.245).

O fato do príncipe também ser o primeiro líder do país que não é um filho direto de Ibn Saud também revela que o governo monárquico passava por uma mudança de mentalidade, uma mais não tão ligada com a cultura e história vivenciada por Ibn Saud nos anos de 1920 e 1930, com isso uma nova era parece surgir no horizonte da monarquia. O discurso político de Bin Salman, aclamando que os eventos de 1979, tanto na tomada da mesquita na Arábia Saudita, quanto no surgimento dos ideais revolucionários xiitas de Khomeini, fizeram com que o Islã se tornasse politizado no país, impedindo os progressos que surgiam na sociedade árabe a eclosão de tais eventos (ULRICHSEN & SHELINE, 2019, p.3-4).

Assim, uma nova era na política saudita parece emergir com a chegada do príncipe em 2017. Seu discurso e políticas de vertente mais progressista indicam agora que os parâmetros formados na sociedade saudita durante a criação do país em 1932 estão sob ameaça, e sua perseguição a clérigos de vertente conservadora, com a prisão de vários membros do movimento *Sahwa* em 2017 demonstram que o Príncipe está determinado em trazer uma mudança definitiva nas relações da casa de Saud e os seguidores da doutrina de Al-Wahhab, porém somente o tempo dirá se tais mudanças serão concretizadas. (ULRICHSEN; SHELINE, 2019, p.3-4)

Considerações Finais

De tal forma, o artigo pode demonstrar uma série atritos que emergiram na política e sociedade saudita no decorrer da história da formação do reinado árabe. Fato é que a formação da aliança entre Bin Saud e Al-wahhab no século XVIII foi fundamental para a formação do reinado mais de um século depois do encontro entre os dois líderes. A atuação de grupos de vertente Wahhabita e a forte promulgação de sua fé dentro das demais comunidades árabes conquistadas no decorrer das campanhas militares de Ibn Saud durante

e após a Revolta Árabe demonstram como a fé de al-Wahhab e a abordagem pragmática e política saudita fossem fundamentais para a criação e do terceiro reinado.

Ao mesmo tempo, o artigo pode demonstrar como a família saudita foi capaz de utilizar da forte onda de capital estrangeiro que entrou no país em decorrência da exploração do petróleo para modernizar e estabelecer o reinado árabe principalmente durante o a administração de Faisal. Todavia, pode ser destacado como tais investimentos e projetos de modernização fizeram com que conflitos ideológicos surgissem dentro da sociedade saudita, uma vez que os valores fundamentalista de Al-wahhab rejeitavam o uso de tecnologias e tradições que começavam a se promulgar dentro da monarquia árabe.

Por fim, o artigo demonstra como a forte onda de modernização e investimentos que vieram ao país árabe impactaram nas relações Saudita-Wahhabi, demonstrando através dos eventos históricos destacados, como o massacre dos *Ikhwan* e a tomada da grande mesquita *Al-Haram* em 1979, como atritos ideológicos e religiosos começaram a surgir ao longo da história da Arábia Saudita, pontuando também como esses atritos levaram a família Saudita a focar suas políticas para um maior proteção de seu regime, muitas vezes perseguindo membros da esfera Wahhabita, fator que foi intensificado com a chegada de Muhammad Bin Salman ao cargo de Príncipe Herdeiro no país. Suas políticas de modernização e atuação na área cultural, somada a perseguição que impusera a membros do grupo conservador *Sahwa*, indicam que a Arábia Saudita passava a entrar em um novo capítulo na história das relações Saudita-Wahhabta, uma marcada por um profunda transformação de sua sociedade e cultura, promovida ao menos em parte pela nova administração monárquica.

Bibliografia

ADGHIRNI, Samy. **Os Iranianos**. 1 ed. ED: Contexto. São Paulo. 2014. 217 f

ARMSTRONG, Karen. **Islam: A short history**. Ed: Modern Library, 2002, 274 f.

ALGAR, Hamid. **Wahhabism: A critical essay**. Islamic Publications International, 2002. 105 f.

AL-RASHEED, Madawi. **A history of Saudi Arabia**. Cambridge University Press, 2010. 342 f

ASSUMPÇÃO, Marcelo Neival Hillesheim. **As Causas Históricas Do Conflito Na Síria**. 53f. Monografia (Graduação) – Curso de Especialista em Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola Marechal Castello Branco, Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em:

<<http://redebie.decex.ensino.eb.br/vinculos/00000a/00000ad9.pdf>> Acesso em 17 de Junho de 2021

BERNSTEIN, William J. **A splendid exchange: How trade shaped the world**. Ed: Grove/Atlantic, Inc., 2009. 499 f.

BELING, Willard A. **King Faisal and the modernisation of Saudi Arabia**. Ed: Routledge, 2019. 254 f In. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=rbuZDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=King+Faisal+And+The+Modernisation+Of+Saudi+Arabia&ots=9PxqILzW5T&sig=8nP-wE8j5m_EaON3WkCVxfE59F8#v=onepage&q=King%20Faisal%20And%20The%20Modernisation%20Of%20Saudi%20Arabia&f=false> Acesso em 20 de Junho de 2021

BOWEN, Wayne H. **The History of Saudi Arabia**. Greenwood Press, 2008. 158 f

CHEMERIS, Henry Guenis Santos. **Os principais motivos que geraram os conflitos entre israelenses e árabes na Palestina(1897-1948)**. 75f. Monográfica. (Graduação). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Porto Alegre. 2002.

COMMINS, David. **The wahhabi mission and Saudi Arabia**. Bloomsbury Publishing, 2005. 288 f

HEGGHAMMER, Thomas; LACROIX, Stéphane. Rejectionist Islamism in Saudi Arabia: The Story of Juhayman al-‘Utaybi Revisited. IN: **International journal of middle east Studies**, 2007, 39.1: 103-122.

HOUSE, Karen Elliott. **On Saudi Arabia: its people, past, religion, fault lines--and future**. Vintage, 2013. 300 f.

Disponível em:

<<http://libgen.li/ads.php?md5=66a491e19dc10497704289c979abd525>> Acesso em 17 de Junho de 2021

LACEY, Robert. **Inside the Kingdom: Kings, Clerics, Modernists, Terrorists, and the Struggle for Saudi Arabia**, New York, ed: Viking, 2009. 379 f

LONG, David E. **The Kingdom of Saudi Arabia**. Ed: International Journal , N: 53.1 ,1997, 185.f

Disponível em

<https://archive.org/details/kingdomofsaudiar00long_0> Acesso em 17 de Junho de 2021

KHALIDI, Rashid, **The origins of Arab nationalism**. Ed: Columbia University Press, 1991. 343 f.

MANN, Joseph. King without a Kingdom: Deposed King Saud and his intrigues. IN _____ **Studia Orientalia Electronica** 1. 2013, f. 26-40.

Disponível em:

<<https://journal.fi/store/article/view/9272/6613>> Acesso em 17 de Junho de 2021

MASTERS, Bruce. **The Arabs of the Ottoman Empire, 1516-1918: A Social and Cultural History**. Cambridge University Press, 2013.

MAȚOI, Ecaterina, and Diana-Monica CONSTANTIN. **Muhammad Bin Salman's Reforms Vs. Wahhabi Rules: A Challenge For The Status Quo Of The Saudi State?** Academia, 2019. 15 f

Disponível em: < https://www.academia.edu/download/61691607/CSSAS_20200106-92393-fhhgvf.pdf> Acesso em 18 de Junho de 2021

MUELLER, Chelsi. **The Origins of the Arab-Iranian Conflict: Nationalism and Sovereignty in the Gulf Between the World Wars**. Ed: Cambridge University Press, 2020. 290 f

ROGAN, Eugene. **The Arabs: a history**. Ed: Basic Books, 2009, 823 f

SAFRAN, Nadav. **Saudi Arabia: the ceaseless quest for security**. Cornell University Press, 1985. 552 f.

Disponível em: < <https://archive.org/details/saudiarabiacease0000safr>> Acesso em 15 de Junho de 2021

ULRICHSEN, Kristian Coates, and Annelle R. SHELLINE. Mohammed Bin Salman and Religious Authority and Reform in Saudi Arabia. IN _____ **Baker Institute Report 9** (2019).

Disponível em: <<https://scholarship.rice.edu/bitstream/handle/1911/108116/bi-report-092319-cme-mbs-saudi.pdf?sequence=1>> Acesso em 18 de Junho de 2021

VASSILIEV, Alexei. **The History of Saudi Arabia**. Ed Saqi books, 2013. 580 f
WYNBRANDT,

WALD, Ellen R. **Saudi, Inc**. Simon and Schuster, Ed Pegasus books, NY, 2018. 355 f

WYNBRANDT, James. **A brief history of Saudi Arabia**. Infobase Publishing, 2010. 353 f